

REDACTORE: José d'Acampora

Orgão
Litterario
Humoristico
e scientifico

ARGO

Publicação
Bi-mensal

THESOUREIRO: Cid Campos
SECRETARIO: Edgard Simone

Expediente

Semestre \$8000
Avulso \$100

Pagamento adiantado.

Toda a colaboração deve ser dirigida á J. d'A. — Pharmacia ternacional.

Os originaes não serão devolvidos ainda que não publicados, e estarão sujeitos á emenda da Redacção.

COMO NOS RECEBERAM

Pelo apparecimento da ARGO chegaram-nos ás mãos as seguintes apreciações:

Da «Gazeta Catharinense»

Sob o titulo de *Argo*, sahio á luz da publicidade, uma revista litteraria, cuja direcção intellectual acha-se confiada aos intelligentes estudantes Altino Flores, José d'Acampora e Cid Campos. Agradecemos a visita da novel revista e desejamos-lhe longos annos de vida.

Da «Folha do Commercio»

Altino Flores e José d'Acampora são redactores do orgão litterario, humoristico e scientifico «Argo», de que recebemos hontem, o primeiro numero. São seus thesoureiro e secretario, os srs.

Cid Campos e Edgard Simone. «Argo» está bem escripto e impresso com cuidado.

Parabens e prosperidades.

D'«O Dia»

Recebemos o primeiro numero do *Argo*, periodico quinzenal e que, intellectualmente bem feito, se aprese to domingo sob a direcção dos jovens Altino Flores e J. d'Acampora.

Producto de um meio litterario, pois, apesar de não ser orgão official da associação, advinha-se logo que elle nasceu sob os auspicios e influencia do Gremio Catharinense de Estudantes, o *Argo* está destinado a fazer carreira, sendo, como é, uma manifestação de amor que ás lettras consagram os estudantes catharinenses.

Recebemol-o com o carinho que merece e fazemol-o desejando que *Argo* singie garboso e triumphante os mares em que a intelligencia se dilata e se expande.

Recebemos mais a seguinte cartinha:

Aos moços Altino Flores e José d'Acampora.

Carissimos amigos.

Abraço-vos pela realisação do vosso ideal, que é o meu tam-

bem e o de toda mocidade—que aspira o desenvolvimento de seu intellecto.

O apparecimento do ARGO veio convencer-me de que, d'entre os moços de Florianopolis, destacam-se alguns, em numero diminuto, é verdade, que ainda batalham com fervor e dedicação pelo engrandecimento dasublime arte de Cruz e Souza.

Que o ARGO continue com a firmeza de agora a trilhar a escabrosa estrada da Imprensa, e vós, intemeratos «argonautas» vereis as vossas frentes cobertas pelos louros da victoria!

Ergo a taça da minha alegria e, convosco, bebo pelo futuro do ARGO!

Salve!

Do amigo velho
Haroldo Callado

As palavras desta cartinha e as das noticias dos jornaes da Capital encheram-nos de alento e conforto! Sômos fracos e singelmas, perante esses juvenatos, sentimos nossos corações pulsarem e instinctivamente desceramos os labios para dizer:

—Mil vezes agradecidos!

Por absoluta falta de espaço deixamos de publicar um importante artigo, o que faremos no proximo numero.

lembraria muito bem a meiga Beatriz de Dante si seu nome não recordasse, com sobejos de poesia a magnificencia das odes de Horacio, recitadas pelos manucebos de Athenas no tempo em que a Grecia maravilhava o Mundo.

Fallando, ha nas expressões a espontaneidade das consciencias puras, e cada palavra que lhe cae dos bens talhados labios vem como que areolada de um sorriso de luz, como se no magnifico thesouro da sua bocca, em vez da eburnea dentadura, existissem pequeninas perolas de Oman engastadas em sanguineos crescentes de coral.

Para terminar, se não fôsse o receio de parcer ousado, me aventuraria a supplicar, em seguida as contepações... a delicia de uma melodia de bandolim.

Sylvio



POSTAL

Ao Alcino

A imprensa é necessaria somente para que a comprehendem.

O dever é o sacrario do progresso.

O amor dá ao coração o que o orvalho dá á rosa—vida.

A fidelidade nasce do oihar e vive no coração.

A gotta de orvalho é uma lagrima da noite.

Ao Altino

Bandeira chama-se á um pedaço de panno que abriga em suas dobras milhares de almas.

Osmy.

MIRAGENS

Uma questão como outra qualquer, no terreno scientifico, torna-se «magna quaesitio» e levanta pela frente volumes e volumes foram publicados sobre si.

Eu, leitor, como «in studio vivo» lendo e esguardando a Biblia; lá encontrei no genesis (I, 21, 22) ser a mulher tirada da costella do homem.

Si eu houvesse sabido disso ha 30 dias atraz, teria dito a um amigo que se queixava de muito lhe incomodar a mulher que lhe pesava como mil diabos:

—Não creias que ella te pese: desde o principio do mundo foi arrancada de cima da tua custella

Mas o facto não fica por aqui, pois vou contar-te, leitor uma discusão ouvida por mim e que terminou por estas palavras:

—Dizem, C., que a tudo sahio das mãos de Deus. .

—Certo!

—Mas, como sahio a mulher das costas do homem?!

—...?!

Victor Bruno



Estudinhos

O homem, considerado como factor social, deve obrar de modo que a Humanidade reconheça nelle um motor de boas acções e não um peso collocado no prato da balança mundana, atrazando a marcha do Progresso Indifinido estudado por Sauz del Rio.

Nós, os humanos, enquanto o mundo fór alimentado por esse grandioso e saboroso favo de mel; mais saboroso que o do Hymetto—a Sciencia—nós poderemos bradar bem alto que nós achamos a fruir uma vida edemical!

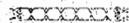
Os que renegam a Sciencia, são progressões decrescentes, são

personificação da estatica: equilibram-se para não progredir e para oscillar no lusco-fusco da civilisação.

E' necessario que existir uma co- operação de forças materiaes e intellectivas para fazer progredir a Sciencia como é mister que progrida isto é, a passos titanicos; os «passos de tartaruga» não devem ser imitados pelos humanos.

Sejamos homens e não bestas!

Altino Flores



o Fim do Mundo

a 18 de Maio vindouro

Segundo as opiniões de varios astronomicos conceituados, verdadeiros prophetas do mundo scientifico, o cometa de Halley dará cabo da terra!

Muitos outros, entre os quaes o grande Flammariion, explicam a questão dizendo que nada teremos a temer.

Mas o numero destes é mui inferior aquelle, o que nos faz crer, que a Humanidade em peso morrerá suffocada pelos fluidos componentes da cauda do cometa!

Ha de ser um espectáculo magestoso, horrivel, mil vezes estupendo.

Milhões de pessoas estorcendo-se nas lancinantes garras das asphixia, com os olhos esbugalhados e parados, o peito a sorver um ar viciado e ardente... e, para tornar mais phantastica, essa scena—uma chuva de estrellas candentes!

Oh! Ha de ser estupendo?
(Sic).

A MULHER

A mulher... personificação da canção astral!

A mulher...

E' do homem a inseparável companheira.

Para que nasceu? Para dignificar a Humanidade, desempenhando tres bellos deveres: de filha, de esposa, de mãe.

Como filha, reúne todos os affectos e carinhos e dal-os a seus paes, prodigalizando-lhes assim os maiores prazeres.

Vendo sua mãe pensativa, recordando talvez espinhosas paginas dum trecho da vida que já passou, cahe tambem em tristeza até que volte ás faces daquelle que a amá o calor e o gaudío da vida familiar.

Ao voltar seu paé do labor, ao cahir da noite, vai esperal-o á porta e depór-lhe nas faces um osculo de puro amor filial.

Como esposa, alegre o lar, consola e acaricia o marido.

Caé doente o esposo e ella não o deixa mais: de um lado para outro, no silencio do quarto, apoz haver ministrado uma colherada do medicamento, balbucia silenciosa uma prece, que vaé direita ás portas do céo. Melhora o doente e do coração da esposa vó o inverno das dores...

Como mãe, resume o mundo em sua casa e a Humanidade em sua familia. Esquece as alegrias mundanas e julga-se remoçada 20 annos quando pensa que tem de tratar, zelar e amear as criancinhas que a rodeiam.

Sua unica alegria é beijar os filhinhos e o esposo; honrá-os como póde e é afinal, a redemptora da Humanidade.

Por fim, perto do termo de sua missão, quando começa a presenir o frio da tumba e a neve dos annos, rejubila-se em olhar para

o filho moço, que, com voz forte e peito altivo, volta depois de longa ausencia em que andara a estudar e a aprender. De alegria chóra por deixar um homem modelo de virtudes e caráter.

Chega-lhe emfim a morte; toma-a pela mão e vai com ella á eterna mansão, enquanto todos lhe estendem os lenços humidos de lagrimas, num ultimo e acerbo adeus...

O. M.

Bilhetes

A' Rosinha

Como te has de admirar ao deparar-se teu nome nesta secção modesta quanto seu auctor.

Não penses ser eu indiscreto. Não! Aqui, pelas columnas do Argo, nessa correspondencia terá mais franqueza do que pelo correio. Não achas?

...Porem, antes do epilogo vem o prologo... com alguns alinhavos. Si tua mamã quizer saber si este bilhete é a ti dirigido, dize-lhe bem ingenuamente: —Então, mamã, existe uma só Rosinha no mundo? Creio que ella não insistirá mais e poderás lér calmamente esta boa leitura.

Quanto a teu papá, nada poderei dizer... porque creio que elle não terá o trabalho de lér o que nos escrevemos mutuamente, porisso que ell já está bastante lecrepito.

Teu irmão mais velho dá-se ummeuso commigo, e d'elle nada tenho a temer. Os outros são petizes que passam a vida a brincar... a brincar...

N'outro bilhete fallar-te-hei do successo que teve em nossa roda intima o primoroso fasciculo «Como se apprende a dançar» do nosso conhecido Jorge Souza.

Recomendações á tua bca mamã, ao teu papá, beijinhos nas meninas e nos meninos, e para ti um... amoroso deusinho.

Do teu

Marion Cellini

SILHUETTAS

Mlle. O. O.

Vimol-a em passio.

Logo ao primeiro golpe de analyse, estudando-se com cuidado a feição e as curvas suaves do perfil, advinha-se o typo original da catharinense que sentio em criança a deliciosa «berceuse» da Ilha

O andar calmo, sem affectação, e a par de uma graça toda natural, desenvolve uma cadencia suave de embalo, que as vezes denuncia a impecavel conformação de hellenica estatu.

Não é alta: se o fósse talvez não possuísse esse que magico de attracção, que transparece nas physionomias sympathicas, e que a torna essencialmente adoravel. —«C'est un congé» que poderia, entretanto, figurar em uma galeria grega dos tempos modernos.

Na sua alma de virgem parece existir a subtileza delicada da flór da sensitiva, aconchegada á tarde, ao esmorecer da luz mystica de um sol que morre. E, naturalmente, vai se enlevando no gôzo socegado das contemp-lações, com preferencia do alto de seu sobrado, quando, através a variada folhagem do Jardim, brilham uns olhos negros e passa o perfil smart de um Romeu moderno.

Então, vista á sacada ao luar, na esplendida evidencia de nma toilette branca, mademoiselle

Observações ligeiras

II

—Abandona-o ! abandona-o ! esbravejava, iracundamente, irritante, D. Felicidade, trespassada de umá colera absurda, extranha, mentecapta e satanizada de «animula vagula blandula»

—Que me fez elle?— observava Noemia, risonha, com uma tranquilidade transparente de extrema bondadé. Que mal me faz elle para despedil-o assim, friamente, ás octuosidades infecundas, tenebrosas, desse mundo relapso e degenerado?

E depois... quem advinha? sem uma palavra de conforto, sem um riso meigo, arrebatador, em que transpareça a alegria e brilhe a felicidade, se n' um olhar casto, salutar, cheio de uma vibração amorosa... Quem sabe se elle não baixará ás regiões frias, e de-testaveis da morte?

Não, em absoluto, eu não quero, não tendo a ser criminosa!

Diante destas trepidações lucidas, expansivas, D. Felicidade tiritava febrilmente enraivecida, num rancor desagradavel, chammejante de furia.

D. Felicidade queria que Noemia fechasse seu coração a Roberto para abril-o a Malaquias.

Porem, a jovem, ainda não vencida, calma, serena e dignamente, repellia essas ordens destituídas de todo o senso e coroados pela putrida e execravel ambição.

Noemia não quer destestal-o; de modo algum !

D. Felicidade, deixando escapar uma risada fria, gelada, incólôr, cheia de desdém, plena de uma desbragada e insaciavel ambição, chama Noemia e lhe

diz descaradamente:—Brevemente, mesmo muito breve, minha filha, Malaquias será capitão e assim consecutivamente, até ao altissimo posto de marechal.

«Oh!... Oh!.... Oh!... E como as tetéas daquelles galões luzem e scintillam coruscantes aos calidos raios do sol!... Como são bellos, magestosamente deslumbrantes! Parece-me vêr o ouro despenhar-se em cascatas! Oh! meu Deus! Ama-o, Noemia Ama-o que terás ouro!...ouro! ouro!...

Seremos grandes ! Vamos ! abre-lhe, o coração!

Baldo Junior

XXXXXXXX

Defesa

Ao sr. M.

1.—V. Ex. sabe ser eu um dos redactores do «Argo,» deste jornalsinho que tão bôa recepção obteve no seio da mocidade catarinense, e, porisso, como alimenta contra mim um certo calôr de despeito, houve a sensaborona ousadia de criticar o artigo de redacção collocado na primeira columna do nosso 1.º numero.

V. Ex. está sciente de que eu jamais desprezei as lições de portuguez tão sabiamente documentadas pelo Pe. V. no G. S. C., e, no emtanto, como si quizesse descer do que viu, poz-se em publico a criticar aquella pergunta do 1.º artigo:

«Que dizeis do velocino d'ouro?»

Pois, caro sr. M., estou que esta phrase é francamente incriticavel. Brada V. Ex. mostrando o seguinte erro (?):

—Falta o artigo O antes do que!

Ora!

O que interrogativo requer o artigo, somente na pergunta indirecta.

E' esta uma regrinha mui corriqueira, e, si V. Ex. não a conhece, posso dizer abertamente—que não sabe pataca do portuguez!

Ruy Barbosa na sua *Réplica* (Cod. civ.), diz auctorisadamente:

«Que pergunta, duvida, ignora; o mostra, aponta, individua: não pôdem estar associados.»

Que diz V. Ex. desta prova? Que pensa ainda do erro?

Pelo tornar mais claro ajuntarei alguns exemplos classicos:

«...que nos resta sinão o passado?»

Herculano (O BOBO pg.12)

«—Que lhe importa os homens do seculo?»

Herculano (OPUSULOS, tomo I, 149)

«—E que vae nisso? disse o Arcebispo.»

Frei L. de Souza (*Vida do Arc.*, livro I)

Que mais? E' necessario que...etc»

Bernades (NOVA FLORESTA, tomo I)

«Que quereis mais?»

Ant. Ferreira (Comedia de *Brisito*, acto II, scena 5)

São esses os exemplos por mim colhidos e que se me d. pararam nos classicos, e contra os quaes V. Ex. nada pôde dizer!

Recorra á syntaxe e volte á liça.

Na qualidade de Redactor do ARGO não deixaria de vir defendel-a dos labéos que lhe atiram e, si tenho forças para fazel-o, agradeço-as ás lições de portuguez que recebi no G. S. C.

Faça V. Ex. outro tanto!

Aqui fica a seu dispôr.

A. F.